



HISTERIA E GÊNERO

Ana Beatriz Silva Aguiar

10º semestre noturno - anaaguiarsilva09@gmail.com

Emerson José da Silva

9º semestre noturno - emerson.jose.silvaejs@gmail.com

Luiz Guilherme Araújo Gomes

Professor/Supervisor de Estágio - luiz.gomes@univag.edu.br

A histeria já era discutida pela medicina durante o Século XIX, mais especificamente na psiquiatria, mas foi com Freud que ganhou um sentido específico. A palavra histeria é derivada da palavra *hystera* que significa útero no grego antigo e era considerada então, como uma “doença” que acometia apenas as mulheres. Mas já no início do Século XIX Freud constata que não se tratava de uma “patologia” só de mulheres, mas sim, uma estrutura histérica que também se apresentava em homens. Na Psicanálise, a histeria é uma das estruturas da neurose ao lado da neurose obsessiva e da fobia, e a partir de cada estrutura, o sujeito apresentará um modo de interação com o mundo, sustentando também mecanismos de defesa específicos nessa relação com o mundo. O mecanismo de defesa nas neuroses é o recalçamento e assim como na psicose e na perversão ele acontece sob o fantasma da castração e a partir daí, de sua relação com o desejo, em um modo específico de subjetivação, num conflito entre o psíquico e o social, entre o desejo e conveniência (Tabaczinski, 2020). Somos uma sociedade do Século XXI mas que ainda busca se organizar apoiada no discurso pseudoconservador, carregado em discriminação fundada no sexo ou na orientação sexual, privilegiando uma parcela desta população que aqui identificamos como masculina e heteronormativa. Mas o privilégio sexista pode colocar esse homem em uma posição de sofrimento psíquico quando nega a ele, um lugar de fragilidade e incertezas inerentes à vida humana em detrimento de uma figura viril e necessariamente fálica. Essa produção teórica é resultado dos estudos desenvolvidos durante o Estágio Supervisionado Específico I: Políticas de Saúde, do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVAG no primeiro semestre de 2025 (2025/1). A ideia a respeito deste tema surgiu a partir de discussões sobre os casos apresentados durante as supervisões e da percepção de um olhar comum e enviesado sobre a histeria, e seu estigma como uma estrutura especificamente feminina. Sob orientação psicanalítica, como parte do processo de ensino e aprendizagem, tem como objetivo compreender como a histeria masculina é tamponada por vieses de ideal de homem que em contraponto acabam por potencializar o seu sofrimento psíquico. Por ser classificada como uma pesquisa bibliográfica, este estudo tem como metodologia a utilização de referências teóricas publicadas por meios eletrônicos, como livros, artigos e páginas de *web sites*, além de material didático pedagógico disponibilizado nas orientações da supervisão de estágio. Na histeria masculina a relação com as mulheres convoca a mesma perspectiva do perverso com o seu objeto, principalmente sob o aspecto de idealização dessa mulher, apesar de não participar de uma estrutura perversa, principalmente por sua inscrição na função fálica. A mulher como desejável e desejante surge como um objeto de fazer valer essa masculinidade. Uma mulher extremamente sedutora que é oferecida ao olhar do invejoso e que o mantém investido idealmente como possuidor do falo (Dor, 1991). Para o homem histérico, essa mulher o permite descobrir-se possuidor do objeto fálico em contraponto à problemática de não tê-lo. Quando a



mulher sai desse pedestal psíquico, torna-se um objeto ameaçador desfazendo um lugar de conforto próprio, onde esse homem histérico, havia instalado sua economia libidinal. E um homem que não se sente investido de atribuição fálica, sucumbe-se a um quadro sintomático de impotência ou ejaculação precoce, por exemplo (Dor, 1991). Dunker (2018) e Dor (1991) compreendem que a histeria em mulheres e homens não compartilha da mesma história, mas enquanto estrutura psíquica, dividem essa carga neurótica. Reforçando a teoria de Freud de que a histeria não acontece apenas com as mulheres, mas com homens também, ao que Lacan acrescenta a existência de homens com estrutura histérica. Para Lacan (1999), a influência do papel social do homem, como um guerreiro forte e fálico, corrobora que este não seja afetado pelo desejo do outro e nem por uma capacidade de questionar o seu próprio desejo. De acordo com Dor (1991, p. 85), a histeria masculina é reforçada pelo diagnóstico médico, que é enredado pelos privilégios sociais e machismo estrutural da sociedade. Qualquer sofrimento neurótico é mascarado por sintomas de razão de causas externas como as neuroses de guerra ou os transtornos pós-traumáticos, sempre partindo de uma "causa honrosa" diferentemente da mulher histérica nomeada de louca e desequilibrada emocionalmente. Fato é que os episódios de histeria masculina são travestidos de mal-estar e cansaço, amenidades que eclodem nas chamadas "grandes crises", ou acessos de raiva e de violência que na maioria das vezes são atribuídas a rotinas ordinárias que saem dos trilhos e que só podem ser neutralizadas pelo acesso de ira (Dor, 1991, p. 86). Atravessados por essas cobranças socioculturais que muitas vezes permitem atitudes machistas, e ao mesmo tempo diante de uma perspectiva mais inclusiva, respeitosa e diversificada que respira mudanças na sociedade atual, estes homens são acometidos de sofrimento psíquico que acontece justamente a partir da possibilidade de se colocarem em dúvida e de questionarem o seu próprio desejo a partir do que o outro espera dele. Clinicamente isso pode se apresentar de forma sintomática ou conversiva, levando a uma preocupação com a imagem pessoal e com uma dinâmica de reconhecimento de fracasso pessoal e de questionamento da própria identidade e da sua relação com o amor (Dunker, 2018).

Palavras-chave: Histeria masculina; Misoginia; Sofrimento Psíquico.



REFERÊNCIAS

DOR, Joel. Estruturas e clínica psicanalítica. **Rio de Janeiro: Livrarias Taurus-Timbre Editores**, 1991.

DUNKER, Christian. Falando Nisso. **Como a histeria se manifesta no homem**. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/IW47uN7V3lM?si=Cg7lmkOG3WDbRAAE>. Acesso em: 02 mai. 2025.

LACAN, Jacques. **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

TABACZINSKI, Adélia. Egolab. Introdução à Psicanálise: **Histeria**. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/o5uwhYSMRy4?si=OE0Hs0ikpZ6-sVle> . Acesso em: 02 mai. 2025.